

---

*“ O bebé nasce, como de resto qualquer outro animal, com capacidade inata para comunicar, desde logo porque nasce com capacidade de se comportar.”*

Watzlawick

## Capítulo IV

### 4.1 Interação Precoce

Pelo que as crianças com Trissomia 21 apresentam, tanto física como psicologicamente, posso afirmar que, desde o seu irromper do seio materno, necessitam de assistência por parte das pessoas que lhes são mais próximas, bem como de um esforço e cooperação por parte das mesmas.

*“(…)*

*- Olá, bom dia! – disse a raposa.*

*- Olá, bom dia! – respondeu delicadamente o principezinho, que se voltou mas não viu ninguém.*

*- Estou aqui – disse a voz - , debaixo da macieira.*

*- Quem és tu? - perguntou o principezinho. – És bem bonita...*

*- Sou a raposa – disse a raposa.*

*- Anda brincar comigo – disse-lhe o principezinho. – Estou tão triste...*

*- Não posso ir brincar contigo – disse a raposa. – Não estou presa...*

*Ah! Então desculpa! –disse o principezinho.*

*Mas pôs-se a pensar, a pensar, e acabou por perguntar:*

*- O que é que “estar preso” quer dizer?*

*(…)*

*- É uma coisa que toda a gente se esqueceu – disse a raposa. –Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.*

*- Laços?*

---

---

- *Sim, laços – disse a raposa. Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos... Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me prenderes a ti... Passas a ser o único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser a única no mundo...*

- *Parece-me que estou a começar a perceber – disse o principezinho. – Sabes, há uma certa flor ... tenho a impressão que estou preso a ela...*

(...)

- *Por favor... Prende-me a ti!...*

-*Eu bem gostava – respondeu o principezinho -, mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...*

- *Só conhecemos as coisas que prendemos a nós – disse a raposa. – Os homens, agora, já não têm tempo para conhecer nada...*

- *E o que é preciso fazer? – perguntou o principezinho.*

(...),<sup>70</sup>

Estas crianças carecem de ter alguém a quem se “prendam”, em quem se apoiarem. Pelo que, e desde muito cedo, a interacção mãe-criança passa a desempenhar uma função extremamente relevante e essencial na construção da realidade à sua volta, na permanente necessidade que o homem tem em transformar, inconscientemente, os objectos, para lhes dar uma expressão mítica, religiosa ou artística, onde a afectividade, o consciente, o inconsciente, a realidade e o sonho se conjugam. Assim sendo, mais do que em qualquer um de nós, nestas crianças é necessário impor uma atitude positiva, nunca descurando do facto de haver uma necessidade de interacção social<sup>71</sup>, para obterem a sua própria liberdade.

---

<sup>70</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine, *O Principezinho*, Edições Caravela, 1946.

<sup>71</sup> *Including Pupils with Down's Syndrome, information for teachers and learning support assistants – primary*, s.d., p. 1 , “A positive attitude solves problems of itself. Schools need a clear and sensitive policy on inclusion and senior managements teams, which are committed to the policy and supportive towards the staff, helping them develop new skills within their classrooms.”.

---

A construção do símbolo, a correcta visualização das imagens apresentadas<sup>72</sup>, é feita através de vários contactos como, por exemplo, brinquedos, ou outros objectos que possam vir a constituir um papel muito importante no futuro da criança. Para Freud (1962), o símbolo reenvia para algo ainda desconhecido, expressando de forma indirecta alguns desejos, pelo que a dinâmica da actividade simbólica é motivada pelo princípio do prazer. Já para Winnicott (1974) os objectos são transaccionais, levando-o a considerar estes como verdadeiros símbolos, situando-se numa zona entre a subjectividade e a objectividade.

Crianças com Trissomia 21 são crianças que aprendem muito através do contacto visual e pouco através da audição. Isto devido às deficiências físicas que apresentam o que as impede de descodificar foneticamente<sup>73</sup> as palavras, visto todo este processo envolver uma boa discriminação de sons<sup>74</sup>. De tal modo, a visualização de palavras escritas pode ser um ponto de partida para uma boa aprendizagem, tendo a fonética que ser gradualmente introduzida, tal como existe a necessidade de evoluir gradualmente na ênfase atribuída a cada palavra e, mais tarde, num contexto de frase. Nestas crianças torna-se mais fácil a receptividade de informação do que a expressão da mesma. Daí o conjunto da análoga ter que lhes ser apresentado de forma curta, objectiva, simples e lentamente:

- Um discurso não claro é associado a desafios que se convertem numa série de complexos movimentos que são pretendidos para a produção do discurso e em aprender a estrutura do som das palavras;

---

<sup>72</sup> LEITÃO, Francisco Ramos (org.), *A Intervenção Precoce e a Criança com Síndrome de Down*, Coleção Educação Especial, Porto Editora, 2000, p.15 “*Todo e qualquer objecto se pode transformar em brinquedo. Uma caixa transforma-se num automóvel, uma folha de árvore em bilhete de autocarro. Para a psicanálise, o que possibilita esta transformação de um objecto neutro num símbolo carregado de significado é o desejo, a dinâmica das pulsões interiores.*”

<sup>73</sup> DUARTE, Inês, *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*, Universidade Aberta, Lisboa, 2000, p.214 “(...) o conhecimento da língua envolve a capacidade de atribuir significados a sequências de sons e, inversamente, de “traduzir” significados em sequências de sons; desta forma, o conhecimento fonológico remete para a capacidade de reconhecer e de utilizar:

- os sons da língua;

- o modo como eles se relacionam na sequencialidade segmental da cadeia fónica.

A Fonologia explícita, assim, esse conhecimento fonológico através de princípios gerais que definem as condições sobre a interpretação fonética das palavras e das combinações das palavras.

<sup>74</sup> *Idem, ibidem*, p. 215 “A primeira informação explícita que recebemos na escola sobre o funcionamento dos sons da fala é a de que eles se dividem em dois tipos: as vogais e as consoantes. A observação inicial sobre o relacionamento entre vogais e consoantes nas palavras remete para a alternância regular da sua distribuição entre palavras.”

---

- Dificuldades em colocar as ideias em frases são associadas com obstáculos na relação entre a memória e a audição, com o desconhecimento de certo vocabulário e com dificuldades com a estrutura da linguagem.

Contudo, e apesar de todas as contrariedades e complicações que estas crianças possam apresentar, quer ao nível físico (articulação e expressão), quer psicológico, defendo a necessidade de haver, logo desde os primeiros dias de contacto com o mundo que o irá colher, uma aproximação entre os pais (universo social) e estas. Estes serão os primeiros agentes da intervenção precoce. Mais do que em relação a qualquer outra criança dita normal, estas precisam de outro, maior e diferente apoio, já que vivem, riem e amam tal como outra qualquer pessoa regular, só que apenas com mais um cromossoma<sup>75 76</sup>. Não adianta de nada os pais sentirem-se revoltados, culpados, indignados ou mesmo atentarem numa compaixão, indignação ou conformismo pelo facto de terem que lidar com um filho diferente<sup>77</sup>, já que, mesmo não havendo cura para a deficiência, há procedimentos que ajudarão a um bom sucesso futuro da criança, relacionando-os com os próprios pais e com a sociedade em que serão inseridos.

Consequentemente, são normais as diferentes reacções que a família mais chegada apresenta aquando do primeiro contacto com estas crianças. Todavia, de entre todas as deficiências, talvez esta seja aquela na qual mais falhas podem ser colmatadas, se bem geridas e orientadas<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> LÓPEZ, M. Melero, *Teoría y práctica de la Educación Especial*, Narcea, Madrid, 1982, in BATISTA, Rafael (coord.), *Necessidades Educativas Especiais*, colecção Saber Mais, 2.ª edição, Dinalivro, 1997, p. 234 “A finalidade da educação de crianças t-21 é a mesma do que a da educação em geral, ou seja, oferecer-lhes todas as oportunidades e assistência para desenvolver as suas faculdades cognitivas e sociais específicas até ao mais alto grau que lhes for possível.”

<sup>76</sup> Real Decreto de la Ordenación de la Educación Especial, Maio, 1985, in BATISTA, Rafael (coord.), *Necessidades Educativas Especiais*, colecção Saber Mais, 2.ª edição, Dinalivro, 1997, p. 234 “...há-de se ter em atenção que as pessoas deficientes beneficiem tanto quanto for possível do sistema regular de serviços gerais da comunidade, integrando-se nela. A aplicação do princípio de normalização no campo educativo, denomina-se integração escolar.”

<sup>77</sup> FONSECA, Vítor da, *Educação Especial, Programa de estimulação precoce*, Colecção Pedagogia, Editorial Notícias, Lisboa, 1989, p.64 “Sabe-se que a aceitação deste problema é lenta e demorada, implicando por isso mesmo medidas perseverantes de esclarecimento e não apenas medidas intermitentes ou episódicas.”

<sup>78</sup> BATISTA, Rafael (coord.), *Necessidades Educativas Especiais*, colecção Saber Mais, 2.ª edição, Dinalivro, 1997, p. 236 “É fundamental para a criança e para os pais que estes compreendam que o seu filho é diferente, mas que tem muitas possibilidades educativas.”

---

Estudos feitos entre 1979 e 1980, a grupos de crianças com Trissomia 21, demonstraram certos e determinados comportamentos em relação a alguns objectos, tendo estes sido interpretados e alguns, inclusive, estimulados pelas mães. Assim sendo, a cooperação dos pais na aquisição da língua, e no desenrolar do comportamento, torna-se muito importante já que, estas crianças, necessitam de mais tempo para organizar e relacionar as suas acções para com o objecto. Os pais acabam muitas vezes por perder a paciência pelo que eles vêm ser aprendizes muito lentos, utilizando, por isso mesmo, a imitação dos próprios movimentos das mesmas como um recurso para uma tentativa de comunicação, de acordo com suas próprias interpretações. Numerosos pais indicam que os seus filhos têm dificuldade em se concentrarem, são muitas vezes impulsivos, tendo problemas em dormir, exibindo hiperactividade o que leva a que sejam desobedientes tanto em casa como na escola, exigindo pois uma grande atenção por parte dos educadores.

Os pais das c.c.t 21 tendem a encorajá-la através do sorriso ou por uma activa estimulação física, visto que, tais intervenções, são recompensadoras na medida em que a criança emite expressões emocionais através da estimulação próxima. Mas há quase sempre um exagero na estimulação por parte das mães, minimizando algumas formas de discurso, tendo em conta que a aquisição de tais formas dependem de factores maturativos e de competências motoras<sup>79</sup>.

Pode-se então percepção que o desenvolvimento da língua nestas crianças é muito determinado por um plano orgânico. Estas criam ainda o seu próprio ambiente através de uma deficiente aprendizagem, dando aos seus pais menos oportunidades para uma boa interpretação do seu comportamento comunicacional, passando estes a ter um papel preponderante.

Logo desde que nasce, os pais têm a obrigação, depois de bem advertidos e informados, de entrar logo em contacto com a criança, através do contacto físico, isto é, por exemplo, mexer-lhe nas mãos ao mesmo tempo que lhe vai emitindo os sons referentes às palavras e objectos aonde esta está a tocar (a mãe toca no pé e pronuncia a

---

<sup>79</sup> M. GALABURDA, Albert, *The psychobiology of Down Syndrome*, a Bradford Book, s.d., the MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, p. 153 “...the emergence of Language skills in man is relatively independent of intellectual factors. Rather he saw the synchrony between motor and language milestones during development as strong evidence that language acquisition is regulated by maturational factors.”.

---

palavra “pê”, junto do ouvido para que a criança possa ouvir e associar)<sup>80</sup>, estimulando analogamente o semblante psicológico<sup>81</sup>. Sendo a língua essencialmente um simbólico modo de comunicação, o desenvolvimento da representação simbólica, como entendimento dos objectos permanentes, diários, tem de ser um requisito geral para o desenvolvimento da linguagem<sup>82</sup>, o que pode ser executado através quer de imitação vocal, quer da imitação gestual<sup>83</sup>. Não nos podemos esquecer que são crianças que demoram mais tempo para pensar e para adquirir novas competências<sup>84</sup>, visto a complicação que apresentam em processar certa informação. De um modo geral, há três grandes mudanças gerais que podemos fazer, logo desde início, para ultrapassar os obstáculos na comunicação com estas crianças:

- Fazer um contacto visual para exceder a compreensão e o uso da linguagem falada, usando mímica, sinais, figuras, símbolos, objectos e palavras escritas (fazer relacionar sempre as palavras com as imagens e realizando sempre uma linguagem corporal e expressão facial);

- Abrandar o ritmo da conversa, e dar muito tempo para a resposta. Ao abrandar-se o ritmo da conversa, significa que há mais tempo para pensar, processar e responder a

---

<sup>80</sup> *Idem, ibidem*, p. 235 “A criança com Síndrome de Down (...) é diagnosticável desde o momento do nascimento; isto é-lhe favorável na medida em que há a possibilidade de iniciar com ela uma estimulação precoce virada para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. (...) A estimulação precoce está na relação directa com a família, principal protagonista na vida da criança antes da idade escolar.”

<sup>81</sup> BRAZELTON, T. B., CRAMER, B. J., *A relação mais precoce. Os pais, os bebés e a interacção precoce*, Lisboa, Terramar, 1989, “À medida que os parceiros sentem que controlam mutuamente os seus estados de atenção, aprendem a conhecer-se, a influenciar-se e daí resulta uma espécie de reciprocidade ou de interacção afectiva.”

<sup>82</sup> MAHONEY, Gerald, GLOVER, Anne, and FINGER, Íris, *Relationship between Language and Sensorimotor Development of Down Syndrome and Nonretarded Children*, University of California, Los Angeles, in *American Journal of Mental Deficiency*, 1981, vol. 86, no. I, 21-27 “Thus, Piaget (1963) has argued that language may be conceptualized as a symbolic skill that evolves from general sensorimotor functioning (...)”.

<sup>83</sup> *Idem, ibidem*, “They reconfirm previous findings that Down Syndrome children are more delayed in their rate of language acquisition than might be predicted from general indices of their level of intellectual functioning.”

<sup>84</sup> KUMIN, Libby, PH.D, CCC-SLP, *Communication skills in children with Down Syndrome, a guide for parents*, 1994, Woodbine House, p. 18 “If your child is slower to formulate a response, you might assume that she does not comprehend what you said”.

---

cada informação adquirida. Verificar sempre se a pessoa acabou de contar tudo o que queria dizer, antes de mudar de assunto;

- Demarcar informação precisa, isto é, dar informação simples, em frases com a estrutura simples, repetindo sempre que alguma informação se dissipe.

Depois de uma avaliação inicial de todas as características relacionadas com a criança com Trissomia 21, é necessário criar um plano educativo precoce que reúna informação médica, psicopedagógica e sociofamiliar, para um bom desenvolvimento a longo prazo, pois como está presente no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem “Todos têm direito à educação”. Tal como em toda a educação, uma boa avaliação, torna possível uma boa aprendizagem<sup>85</sup>. É necessário definir a idade da criança, os objectivos do programa, realizar visitas domiciliárias, um trabalho individualizado com a criança e mesmo perceber o grau de envolvimento dos pais (quanto mais envolvimento, mais efectividade no programa), o que indicia que seja necessário um técnico especializado tanto para a criança como para os próprios pais. Se se conseguir definir bem todas estas condicionantes, poderemos passar a fase seguinte que é por em prática o próprio programa. Contudo, não nos podemos esquecer que a fala, problemas emocionais e auditivos, podem ter a ver com a própria integração social, o que pode ainda indicar que quanto mais cedo se iniciar a intervenção, melhor para a criança, existindo sempre uma coordenação entre a elaboração e a continuidade do plano de intervenção. Sendo assim, deve-se ter em conta sempre a integração dos pais nos primeiros momentos, a existência de um programa que interligue todas as características e relações da criança, o que pressupõe ter já havido anteriormente uma investigação dos aspectos negativos que envolvem a criança, bem como de factores relacionados com a família.

---

<sup>85</sup> <http://www.iapsych.com/articles/beauregard2006.pdf> (1988), citado por Correia (1997) diz que "há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afecta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada. Tal necessidade educativa pode classificar-se de ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase do desenvolvimento do aluno."

---

É obvio que reunir toda esta informação requer muito trabalho em ser conseguida e a efectuada com sucesso, bem como todos estes passos passam por um agregado de burocracia que pode assustar os pais e os próprios professores ou técnicos que lidarão com as crianças. Contudo, não se pode tratar apenas de um conjunto de folhas que compõem um programa. Como em toda a educação, dever-se-á optar por pôr em prática tudo o que foi decidido, já que se está a tratar de crianças humanas com características e omissões únicas, mas que conseguem atingir os mesmos objectivos que as crianças ditas “normais”. Vários serviços deverão estar em constante contacto, diário mesmo, assumindo funções importantes para que tudo dê certo, nunca esquecendo três grandes objectivos: sociais (integrando as crianças na sociedade para que não venham a sofrer de injustiças sociais), educacionais (compensando as diferenças sócio-linguísticas, preparando condições para a existência de uma estimulação da aprendizagem, em contacto para uma igual aprendizagem lúdica) e evolutivos (desenvolver a imaturidade no aspecto psicomotor, perceptivo e mesmo sócio-pessoal).

Todos estes cuidados devem-se ao facto de existir uma extrema preocupação em mostrar às crianças certas realidades, para que possam defender-se de certas hostilidades a que o homem está sujeito. Quando nasce, a criança, já está habilitada a falar fisicamente, e são estas mesmas capacidades que a tornam um ser diferente do resto de todos os animais. É, portanto, essencial que, logo desde o início, e apesar de todas as deficiências que ela apresente, se construa um plano correcto o suficiente para que aprenda a construir e a desenvolver a sua linguagem. No entanto, e como já foi referido anteriormente, é com a mãe, a pessoa desde início ligada a ela, aquela com quem aprende os primeiros gestos, expressões corporais que, apesar de não fazerem parte da linguagem verbal, continuam a ser parte fundamental da comunicação. São pois estes movimentos, gestos ou mesmo expressões faciais que iniciam um determinado tipo de comportamento que, apesar de não ser verbal, faz parte da comunicação já que existe interacção entre duas ou mais pessoas.

Torna-se evidente a necessidade e a primazia do contacto físico. Ora, se o primeiro contacto que tem é com a mãe, esta passa a ter um papel muito importante, podendo esta manipulá-la, agarrá-la de modo a satisfazer as suas necessidades. Se esta fizer uma repetição sucessiva e diária das mesmas actividades será mais fácil a aquisição das palavras, bem como se a criança perceber o porquê das actividades, o porquê desta passagem temporal a que está sujeito, o porquê de executar tantos

---

exercícios. A reciprocidade mãe-filho será muito mais rápida e mais facilmente compreendida pela criança. Assim sendo, esta deixar-se-á influenciar pela mãe ao mesmo tempo que fica dependente dela, da pessoa que mais lhe poderá ensinar nos primeiros tempos, nunca esquecendo que tem de ser ajudada por especialistas<sup>86</sup>. A mãe poderá sentir um estímulo ao seu ensino, quando a criança iniciar uma vocalização correcta, ponto de partida igualmente para a socialização tão esperada. A partir daqui a mãe deverá ter um cuidado ainda mais redobrado quer na contiguidade física, quer na visual ou mesmo na vocal já que a criança estará mais atenta a tudo.

---

<sup>86</sup> LEITÃO, Francisco Ramos (org.), *A Intervenção Precoce e a Criança com Síndrome de Down*, Coleção Educação Especial, Porto Editora, 2000, p. 93 “Estudos feitos na perspectiva etológica permitiram apreciar a capacidade activa do recém-nascido para se adaptar à interacção, desenvolvendo-se a noção de dependência e necessidade de gratificação. É clara a não passividade do recém-nascido.”